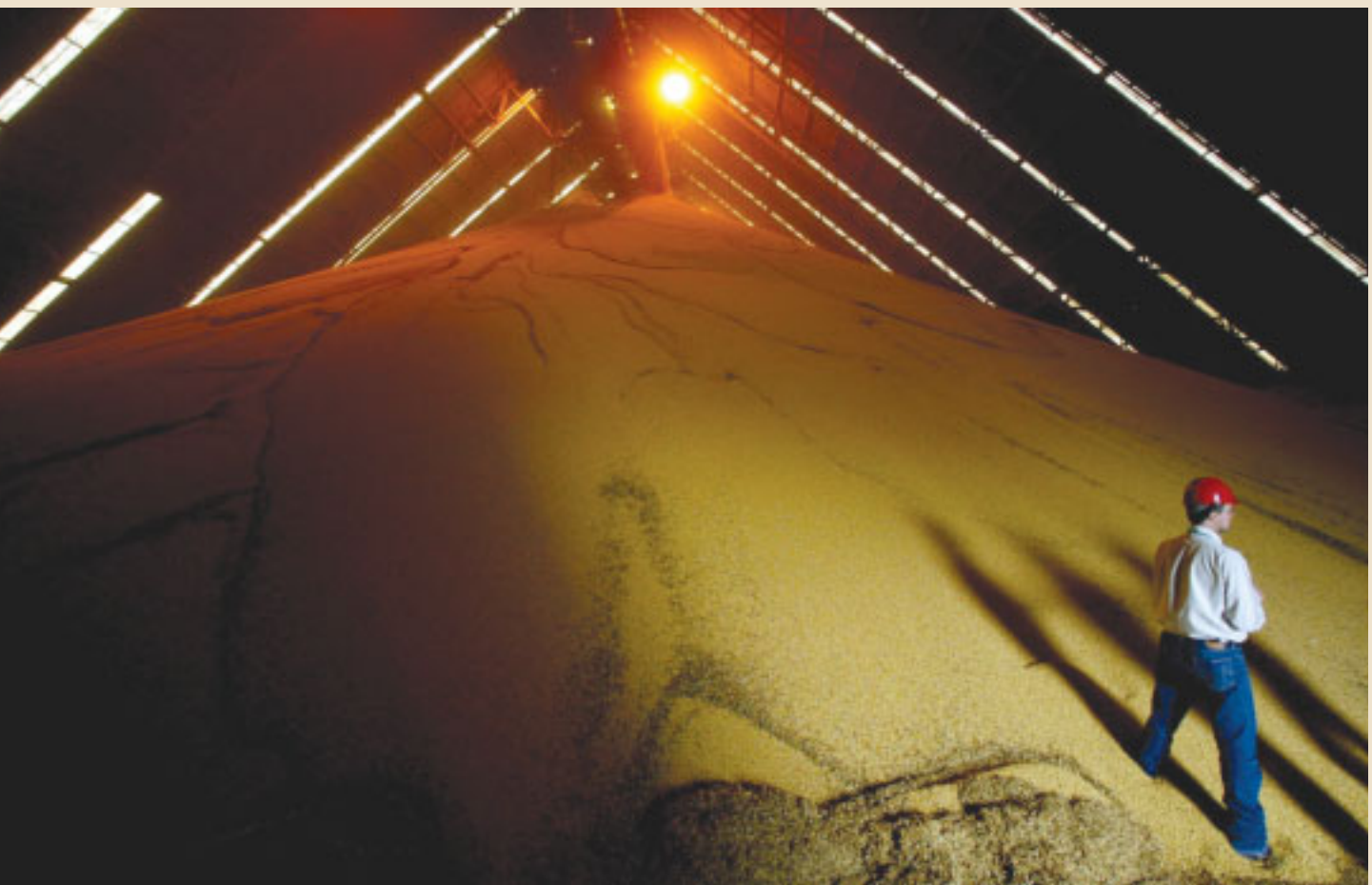


Instabilidade cambial gera incertezas no setor

Mauro Osaki e Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros*



FOLHA IMAGEM

Terminal de exportação de soja no Porto de Santos: SP, 2004

Em 1999, o Brasil alterou seu sistema cambial, trocando a excessiva valorização do real por um quadro de instabilidade da moeda. Com isso, multiplicaram-se as dificuldades de planejamento e, conseqüentemente, os riscos de

surpresas desagradáveis. Durante três anos consecutivos, o mercado da soja apresentou preços recordes, motivando os agricultores a investirem em máquinas, aquisição de terra e armazéns. A euforia tomou conta do campo, de norte a

sul do país, entre meados de 2001 e 2004. Em 2005, o cenário mudou e os produtores tiveram que tirar o pé do acelerador. O recuo do preço internacional e, principalmente, a desvalorização do dólar norte-americano frente ao real – de

16,6%, entre o plantio e a colheita da safra 2004/2005 – diminuíram duplamente a rentabilidade da cultura: os custos aumentaram e as receitas caíram.

Na safra 2004/2005, os produtores de Sorriso, MT, por exemplo, adquiriram insumos, entre agosto e setembro de 2004, a uma taxa de câmbio de cerca de R\$ 3,00 por dólar e comercializaram a soja, entre abril e maio de 2005, com câmbio médio de R\$ 2,52 por dólar. Essa instabilidade cambial tornou necessária uma maior quantidade de soja para que saldasse o custo por hectare da cultura. No período de aquisição de insumos, eram necessárias 53 sacas de 60 kg/ha para pagar o custo operacional efetivo. Durante a colheita, a quantidade subiu para 67,4 sacas de 60 kg/ha, diferença média de 14,4 sc/ha. Considerando uma propriedade de Sorriso, com área média de 1.500 ha de soja, a diferença chega a 21,6 mil sacas, ou quase 28% da produção. Na época da colheita, isso totalizaria aproximadamente R\$ 450 mil. Para alguns produtores do Mato Grosso, a diferença chegou a 20 sc/ha, totalizando perda de 30 mil sacas, em uma propriedade de 1.500 ha.

Preocupados com os prejuízos, produtores protestaram em Brasília, na tentativa de pressionar o governo federal pela liberação de mais recursos e prorrogação das dívidas. Além dos sojicultores, os setores de insumos e máquinas também sentiram o impacto imediato da “crise”. A venda de tratores, por exemplo, contabilizou, neste ano, somente 10% da média das últimas três safras.

Diante da imprevisibilidade de uma melhora na taxa cambial, as “palavras de ordem”, mais do que nunca, passaram a ter parcelamento de dívidas e redução de custos. Para esse último propósito, muitos produtores aderiram ao cultivo da soja transgênica, que é produzida a um custo mais baixo, em algumas regiões.

É importante considerar que os produtores não têm obtido melhor remuneração pela soja convencional, o que –

somado às reduções de custos – os motiva ainda mais a plantar sementes transgênicas. É compreensível então que, segundo a Associação Brasileira de Semente (Abrasem), cerca de 50% das áreas de cultivo da soja brasileira sejam ocupadas por semente transgênica, na safra 2005/2006. De olho nesse mercado, diversas empresas já lançaram variedades adaptadas às regiões do país, devendo ter sucesso nas vendas, apesar das discussões ambientais e comerciais que permanecem, mesmo com a aprovação da Lei de Biossegurança.

De qualquer forma, como reflexo da crise, firma-se a perspectiva de redução de área brasileira de cultivo, na próxima safra. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estimava, em novembro de 2005, entre 21,7 e 22,1 milhões de hectares, uma diminuição variando entre 5% e 6,9%, em relação à safra 2004/2005 (que já havia sido prejudicada pelo clima). Para a produção, a estimativa oficial era entre 57,35 e 58,52 milhões de toneladas – um aumento entre 12,3% e 14,6%. Já para agentes do mercado, o crescimento da colheita da nova temporada deve ser menor que a expectativa do governo, ficando entre 53 e 55 milhões de toneladas.

Como o capital de giro para este ano é reduzido, muitos tenderão a reduzir as quantidades de fertilizante na adubação básica e a abandonar áreas com baixa fertilidade. Além disso, dado o alto custo da cultura e a perspectiva de baixo preço para o próximo ano, muitos estão substituindo a soja por milho e/ou feijão. Outro fator que traz receio ao setor é o aparecimento antecipado de ferrugem asiática nas lavouras. A maioria considerou, no orçamento, duas aplicações preventivas para o controle do fungo, a serem realizadas nos períodos de 40 e 50 dias e de 70 e 85 dias após a germinação. Porém, na região de Rondonópolis, em especial em Primavera do Leste, identificou-se um foco de ferrugem asiática na lavoura comercial 25 dias

após a germinação. Esse produtor será forçado a pulverizar preventivamente, elevando para três o número de pulverizações, o que aumentará, em média, 6% seu custo operacional efetivo da soja. Em caso de quatro aplicações, o custo efetivo aumenta, em média, 12,5%, em relação a duas aplicações.

O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da USP ESALQ simulou o impacto das aplicações adicionais para uma propriedade típica de Sorriso, MT, na safra 2005/2006. Considerando-se três aplicações contra a ferrugem asiática, ao preço médio de agosto e setembro de 2005 (R\$ 20,35/sc), seriam necessárias 58 sc/ha para cobrir o custo operacional efetivo (COE), o que não remunera a depreciação e a administração. Caso se admita a produtividade média da região de 52 sc/ha, o preço para saldar o COE é de R\$ 22,70/sc de 60kg, valor 16% superior ao negociado na região, na média do segundo semestre de 2005.

Enfim, o setor passa por momento de ajuste e reflexão. A “febre” da soja acabou! As contas devem ser rigorosamente controladas, pois a margem de lucro, atualmente está baixíssima, senão negativa. Um erro no manejo fitossanitário ou a ocorrência de uma frustração de safra decorrente do clima poderá comprometer todo o patrimônio do produtor. Um bom agricultor, contudo, sabe que essa crise não é o fim do mundo e que a agricultura sempre foi feita de ciclos. Não é negócio para aventureiros que entram na crista da onda e se desesperam quando a maré está baixa. É preciso ter perspicácia e persistência! 🍷

**Mauro Osaki é técnico do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da USP ESALQ (mosaki@esalq.usp.br) e Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros é professor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da USP ESALQ (gsabarro@esalq.usp.br) e pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).*